

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Arte dos bandeirantes

* Duílio Crispim Farina

Permitiu a Divindade Suprema que chegássemos a mais um dia comemorativo do nascer de Piratininga. Nossa mente evoca alguns homens-símbolos e fastos do patrimônio moral e cívico dos chãos paulistas.

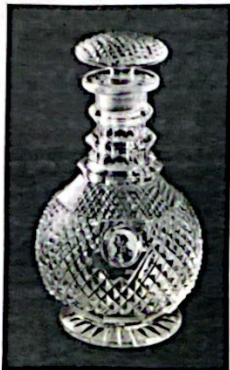
Sotaina do padre Anchieta e de Nóbrega, Serrão e Manoel de Paiva, os ameríndios e Bartira, filha de Tibiriçá, mulher de Ramalho, homens de Espanha, reinóis e ilhéus, Genovezes, Flamengos, melting-pot a invadir os séculos e em decorrências uma bandeira das treze listras e uma epopéia, crença no amanhã, somadas às forças telúricas, impulsão de São Paulo do Campo, planalto com seus agrestes aquém de Paranaicababa.

De outras feiras lembramos gigantes morais e sábios dos cronicões, pátrios. Agora diremos que São Paulo e os chãos paulistas abrigaram também obras de arte, mobiliário e talha, o barro e o cedro, moldados pelos santeiros ingénuos, mas não imbuídos de menor fé.

O Vale Imperial do Paraíba, Itu, a Roma Brasileira, Campinas, republicana no gesto, e plena de aristocracia no sentir e viver, e todos os recantos da terra bandeirante, inclusa esta Paulicéia, eternamente romanesca e bela.

Casarões, palacetes e solares, em tempos de fausto. Sinceros acolhimentos, cultura e civilização, nobiliarquia de mérito e conquista. Esplendor e opulência, fumo e café, riquezas em mármore de Carrara, estatuetas e vasos de Vincenes e Capodimonte. Salões com Aubussons e a que não são estranhos tapetes da Pérsia (Cashani, Shiraz e Bukara) e Afegãos; mobília Luís XV, colunas ornadas de bibelôs, biscoitos e opalinas, ricas molduras em quadros com retratos da nobreza ou vistas do Velho Mundo, e grandes espeíhos venezianos. Não faltam os pianos "Pleyel", que sobem de Parati e Ubatuba pelas calçadas da Serra, via Cunha e Paraitinga, em ascensões de escravos ou lombos de muareis.

Os salões de jantar abrigam mobiliário pesado, grave às mais das vezes solene, em carvalho esculpido, com motivos de caça e frutos, relógios a bater os intermédios



Garrafa de bico-de-jaca usada pelos barões do Vale do Paraíba

das horas, em tons graves, encimados por gamos, troféus de caça, pitoresca e farrata.

Os ebenistas de França e os lisboetas lavram os armários, bufetes, etagères, cheios de cristais e vidraria de S. Luis, Bacarat e Murano e até mesmo da Suécia e Holanda. As louças Limoges, Companhia das Índias estão ao lado dos talheres argenteos, obra dos cinzéis reinóis de Gondomar e Rio Tinto.

Os quartos, aposentos amplos, com peças para descanso e muito repouso: conversadeiras, sultanas, poltronas para a modorra. Móveis de mogno, cadeiras de alto espaldar, de jacarandá, imbuia e vinhático. Oratórios D. João V, encarnados ou com talhas douradas, mesas dona Maria, sofás de palhinha ao estilo Luís Filipe, com damascos e alcatifas, setins e tecidos de estofa, Lençóis de cambraias de linho e rendas de crivo, da Irlanda, Bruxelas e até tecidos de nhanduti do Paraguai. Vitrais de Holanda e ferros batidos de Toledo e artífices granadinos.

Tempos de louça brasonada, com armas e iniciais, de origens variegadas, mas todas de encomenda: de Viena d'Austria, de França (Pillivuy, Borgeois, Klotz, Haviland), de William Mortlock (Regent Stret, Londres), ou das manufaturas de Vista Alegre e Rato, matrizes lusitanas.

Iluminações a gás, abundância de criadagem, na cozinha, copa, cocheiros e tantos outros, serviçais, moleques e mucamas. Lavandas, cremeiras, paliteiros de várias procedências, e de Francisco José Vellozo, especialista em

moldes de flores e frutos indígenas, cajus, carambolas, pitangas, cachos de uva, beija-flores, em videiras e topos de cestos, também com gerímunos e maracujás; e ainda garrafas e botijas, taças, licozeiras, de bico de jaca ou vidros de Braga e Miragaia.

Fastigio, apogeu do ciclo do café, tempos de requintes, de cultivos e eclôsões nos desvãos da arte e instituições litero-musicais e recreativas.

Cafezais ondulantes em milhões de pés, riqueza incensurável de um trabalho estuante, patrimônio em terras e em espécie de novos cresos imperiais: o conde Moreira Lima, de raízes múltiplas na região, em 1890, celebra contrato com o governo federal, para introduzir em fazendas de sua posse seis mil famílias de trabalhadores para o eito. Engenhos d'água, criações de equinos, puros-

animais fabulosos, dragões e grifos.

Cadeiras-de-braços, pé-de-cachimbo em cópias e modelos de platéia do Teatro Lírico; cadeiras-tesouras com pernas em X, dobráveis, encosto e assentos de couros trabalhados. Cômодas de almofadões, arcazes que um dia haviam ornado as sacristias de Ordens Venerandas; credências, contadores de saia barroca e gavetas com tremidos; aparadores, dunqueres, consolos demarcam alas às mesas de centro com adornos de acantos e aqueles de bolachas com travessas espinhadas e recortes, quando não esplendem com seus tortilhões régios por obra de entalhadores de escola e delicado torneio. As papeleiras, ratonas de D. João V e banquetas, escanhos de parlatórios, canapés, sofás de cadeiras geminadas, nas salas de bem receber e de festas, complementam as espinetas

"Mudam as roupas, mas o paulista é sempre o mesmo: simples, altaneiro, servidor de suas majestades ou da Pátria."

sangues, cães de caça, fulgor de um estádio nobiliárquico, cerimônias festivas com polcas e mazurcas, de muito menieo e enlevo, baile à luz das velas, a arderem em candelabros, mangas, mangotes e donzelas de cristal.

As casas solarengas, os sobradões, as casas-grandes, nos largos principais tinham um ostantar de graça e privilégio. Peças de arte enumeradas e inventariadas, podem dizer, em levantamentos de bom gosto e bom viver, quais os palcos em que desfilaram os barões e viscondes, em transplantes na longínqua província do Império, do sucedido nos salões de Paris, Biarritz, Ninfenburgo e Schorbrunn. Dignitários pátrios ecoavam, em salões não menos despidos de labores e riquezas, como nos recônditos palácios de Eugênia de Montijo, Maria Luiza, agora senhora de Parma, e da condessa de Castiglione.

Poltronas de cabedal com couros taxevados com pregarias de latão ou em labores de solas cinzeladas com espaldares tarjados, envolvendo

de bom som e melhores melodias, ao lado, muita vez, de esgrinos pintados ou ornamentados de porcelanas de Sèvres ou de Saxe, bem como meridianas, escabelos e sextípodos. Aldravas de bronze, ou quase sempre de prata maciça, anunciando visitantes, nos interiores, pródigos em arandelas e candieiros.

São os dias em que nas casas dos homens de nascimento e fortuna, das damas de eleição, alcovas junto aos quartos de dormir entesouraram jóias e pedrarias em arcazes com pés de bulbo e tremidos com ferragens, ou mesmo aqueles marchetados com molduras de cordão, gavetas e alças. E ao elencar as pertenças dos palacetes de nosso passado, de Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Itu e Campinas, seria necessário descrever as dormidas com camas de colunas altas com armação para dossel, cabeceira com recortes e bilros, de lavras da Corte, das Gerais ou mesmo da longínqua Bahia de Todos os Santos e quase todos os geniais artífices.

Capelas de sítios e ermidas, com altares e bustos-relicários, imagens do Menino-Deus, São Miguel das Almas, Santana Mestre, São José de Botas, Cosme e Damião, irmãos-médicos, a reger a hospitalidade dos so-lares, e mais navetas, turibulos, ámbulas, cálices, por obra e gosto dos artesãos de Santa Luzia do Rio das Velhas, de Sabará, ou da antiga Vila Rica do Pilar de Nossa Senhora de Albuquerque.

Emílio Zaluar descreveu o Paraíba como "majestoso rio que, como o Nilo, converte em ouro as terras que enriquece com o seu fecundo batismo". E ao seu longo surgiram homens apurados e damas dignas de menção.

E assim em Campinas com as coisas d'arte do marquês de Três Rios, e de todos os filhos de alguém que enriqueceram a Província com os tesouros de sua faina e o fervor de suas devoções. E assim na Itu dos Paula Sousa e dos homens da Convenção. Patrimônio de arte, sinonímia do alevantado civismo das gentes paulistas. Grandes hospedeiros. No Vale, barões da Palmeira e de Lessa; visconde de Moreira Lima, grandezas do barão de Romeiro e das viscondessas de Guaratinguetá e Pindamonhangaba. Na terra de Barreto Leme, agasalhos dos Sousa Aranhas, Indaiatuba, Itapura, Cintras e Ferreiras Penteado.

O homem ribeirinho do Anhembi torna-se lavrador mágico dos altiplanos a espriar a rubiacéia de Palheta. Os descendentes da gente de Boigy, Gaspar Vaz, mais os taubateanos, viram barões e viscondes piraquaras do Vale Imperial e de tudo isso sobre-



Berço das crianças de famílias de destaque. Ao fundo, Dom Pedro II

vêm altos momentos da civilização dos paulistas, patrimônio artístico e cultural de desmesurado valor. Cabedal de tesouros opulentos, reflexos de centúrias de labor e progresso. Tudo a permitir-nos conclamar: esta terra tem passado, eloqüente afirmação da sementeira positiva.

Apice das casas solarengas. Empós das jornadas sertanistas. Benedito Carneiro Bastos Barreto, Belmonte, levantou o acervo de São Paulo Colonial, em seus primeiros anos. A casa da vila não diferia em nada da casa do sítio, terrenas ou assobradadas, repartimentos em taipá, camarinhas, corredores, alpendre ou balcão, todas brancas. As arcazes com ferragens e gavetas, heranças de Castela e da Flandres como as mesas ditas holandesas em pé de lira. Aparecem depois as canastras encouradas e os baús, para a guarda das roupas dos dias festivos, os mantos de recamadilho, as capilhas de cetim, e os chapéus de Córdova ou de Bardá. Nos bufetes de cedro dormem tigelas, alguidares, jarros e potes e ainda pratos de louça do Reino; raras as da Índia. Há também púcairos, salvas, castiçais de latão e tamboleadeiras de prata, copos de vidro, frascadeiras. As toalhas vêm da Bretanha, o dano de linho de Ruão.

Mudam as roupas, mas o paulista é sempre o mesmo: simples, altaneiro, servidor de Suas Majestades ou da Pátria. Desprendido das exteriorizações, com botas de sete léguas, afundou nas serranias distantes, nos longes do Peru e Paraguai. Deambulam até os Andes, alcançam Maracaju e o Guaporé e navegam pelo Amazonas. Os Martírios, Sabarabuçu, Vila Rica de Albuquerque, o Desterro, o Devassamento do Piauí e a Legião Paulista no Sul, em Sacramento e no Rio da Prata. Destemor e intrepidez. Uma bandeira das treze listras ao lado do aruivred pendão de nossa terra. Pátria brasileira, Pátria paulista, fusão no mesmo destino... Fiéis às suas ancestralidades o paulista marcha para as suas grandes destinações... Non Ducor Duco. Pola ley e pola Grey. Pro Brasilia fiant Eximia. Reverência e aplauso. Raça de gigantes...

* Duílio Crispim Farina é presidente da Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista de Letras.

As bases biológicas

* Wham Luis Savito

Pode parecer herético abordar o amor sob um prisma biológico. Sentimento sublime, fonte perene de inspiração para artistas, literatos e filósofos, começa também a inspirar cientistas no sentido de decifrar seus mistérios. Certamente um sentimento que serve à perpetuação das espécies e está presente em todo o mundo animal, deve ter substratos anatomo-funcionais importantes. É a vertente biológica do amor. No ser humano o amor é um sentimento mais elaborado. No processo de hominização, que culmina com a aquisição da linguagem, o amor tem acesso ao mundo dos conceitos. Ele se reveste de uma dimensão cultural, sem perder suas raízes biológicas.

A polarização entre amor sexual e amor espiritual é uma mitologização ocidental que vem desde o século XIII, sem falar no amor platônico que, segundo alguns, é o amor do peixe para cima. O amor é um sentimento sobretudo integrador e traz em seu bojo pulsões e valores contraditórios: a sublimação dos aspectos espirituais, a culpabilização dos aspectos sexuais. Não existe um tipo único de amor, mas sim múltiplos com matizes diferentes: amor maternal, filial, fraternal, amor entre seres do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Vamos abordar o amor entre seres enamorados.

Pode-se amar com cérebro ou este é um "affaire" do coração? O aristotelismo, com sua tese cardiocêntrica, é responsável pelo equívoco do domicílio do amor. Hoje nós sabemos que o órgão central dos sentimentos é o cérebro, que é indissociável do resto do organismo, havendo portanto uma linguagem corporal do amor. O estudo dos substratos cerebrais do amor foi estimulado pela descoberta dos "centros do prazer". O prazer é uma sensação que o organismo busca desde o seu nascimento (é possível que desde a vida intra-uterina) e certamente é um pré-requisito para o desenvolvimento do sentimento amoroso.

Os organismos vivos, à medida que se diferenciam, têm necessidade de um sistema integrador que discipline as suas funções internas (equilíbrio interno) e o adapte ao meio ambiente (equilíbrio externo). Seguramente os primeiros sistemas de controle foram do tipo químico, com determinadas substâncias funcionando como "mensageiros". Estes men-

sageiros ao alcançarem os vários pontos do organismo, através de um meio líquido, promovem a sua integração. No entanto, nos organismos mais complexos este tipo de regulação é inadequado pela demora da operacionalidade, tornando sua eficiência baixa. A complexificação crescente dos organismos exigiu a presença de um sistema de alta eficiência, que transmitisse informações de modo mais rápido. Surgiu então o sistema nervoso, que atingiu no homem seu mais alto grau de desenvolvimento. O nosso cérebro opera com um sistema de duplo código: elétrico e químico.

Os três cérebros do amor

O cérebro humano, sob o aspecto evolutivo, encerra em sua organização hierárquica três tipos básicos de cérebro que, segundo MacLean, são rotulados de reptiliano, paleomamífero e neomamífero. O primeiro apresenta semelhança com o cérebro dos reptis, o segundo advém dos mamíferos inferiores e, finalmente, o cérebro mais novo encontrou seu maior desenvolvimento nos primatas, particularmente no homem. O "cérebro reptiliano" é constituído, principalmente, pela porção alta do tronco cerebral e pelos gânglios da base. Este cérebro teria centros com participação importante na procriação, na predação, no instinto de território e no modo de vida gregário. Esta porção mais antiga do cérebro é responsável também pelas regulações internas do organismo (viscerais e glandulares) e pelo ciclo vigília-sono. Sobre o cérebro reptiliano se sobrepôs o "cérebro dos mamíferos inferiores e os dois se tornaram íntimos em seu relacionamento. Este segundo cérebro representa o sistema límbico (SL), cujo papel é preponderante no comportamento emocional do indivíduo. Esta vertente do cérebro apresenta já certo grau de plasticidade do comportamento, no sentido do aprendizado e soluções de problemas com base na experiência imediata. Entretanto, estes cérebros não têm capacidade de verbalizar suas ações e sentimentos. Finalmente, nos mamíferos superiores, e particularmente no homem, aos dois cérebros precedentes se sobrepõe um terceiro, com capacidade de operações lógicas. No homem, esta capacidade do "cérebro neomamífero" culmina com a aquisição da linguagem.

O SL modula o comportamento emocional do animal superior e do homem. É formado por um conjunto de estruturas, situado na porção

interna dos hemisférios cerebrais e tem a forma de anel. A porção inferior do anel estaria vinculada à autopreservação, enquanto as estruturas da porção superior seriam responsáveis pela preservação da espécie. A expressão comportamental destas estruturas da porção superior traduz-se pelo cuidado da prole, a aproximação para a corte e acasalamento e por outros comportamentos amistosos. Parece que o impulso nuclear neste tipo de comportamento é o sexual. MacLean observou, através de experimentos de estimulação de estruturas da porção superior do anel em gatos machos, reações de prazer e, até mesmo, ereção peniana. Mais tarde, Olds e Milner "localizaram" o substrato neural do prazer. Estes pesquisadores evidenciaram em certas espécies animais (ratos, gatos, macacos) áreas cuja estimulação desencadeia sensação de prazer e outras áreas, em menor número, onde a excitação determina sensação de desprazer. Costuma-se denominar a essas regiões de áreas de recompensa e punição. As áreas de recompensa localizam-se no SL e hipotálamo, principalmente na área septal. Parece haver uma certa correspondência entre as áreas de recompensa e as áreas relacionadas com a sede, a fome e o sexo. É possível que algumas sensações de prazer, pela estimulação das áreas de recompensa, se assemelhem à satisfação da sede, da fome ou da necessidade sexual. Experimentos de auto-estimulação em humanos parecem corroborar, em parte, estas observações em animais.

O cérebro tem sua sabedoria imanente, sendo portanto capaz de aprender por si mesmo, não havendo necessidade de mecanismos conscientes. Ele está "equipado" no seu SL com estruturas para ativar os mecanismos de reforço dos comportamentos eficazes. São os chamados sistemas de recompensa. A ativação desses sistemas põe em ação o centro do prazer no SL, o que de um lado recompensa o "bom" comportamento e, por outro lado, favorece sua incorporação na memória. Mas existe também um mecanismo de punição no SL, que tem por objetivo "punir" o cérebro quando ele orienta mal suas ações.

Schwob, em seu livro "De L'Amour Plein la Tête", fala dos "três cérebros do amor": hipotálamo, SL e o neocórtex. O hipotálamo é uma espécie de centro integrador e coordenador das emoções. Estrutura nuclear da vida emocional, o hipotálamo

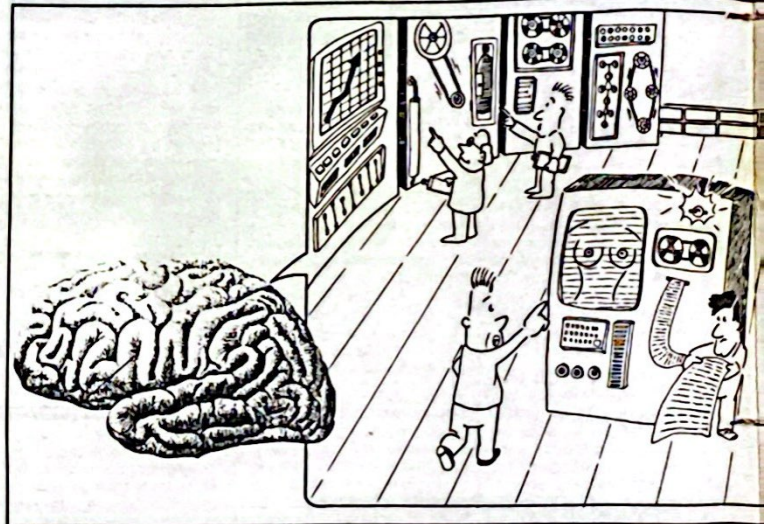
mantém extensa rede de conexão com as demais estruturas límbicas e outras áreas encefálicas. Esta estrutura modula o desejo sexual, regula a secreção dos hormônios sexuais, controla as atitudes instintivas de sedução e seria responsável pelo humor amoroso. O SL coordena os aspectos sensual e sentimental da vida sexual, confere uma coloração afetiva ao encontro amoroso, memoriza as vivências afetivas e alberga o centro do orgasmo. O neocórtex, ou "cérebro inteligente", permite a realização do ato sexual, sofre influências socioculturais e matiza o sentimento amoroso com fantasias, cultura erótica, refinamentos estéticos, tabus, censuras, culpabilização etc. Aqui é importante considerar o córtex pré-frontal, que con-

tar na presença da pessoa amada ou simplesmente pensar nela. Agora, se a relação não está bem estabelecida ou se ela é incerta, então os centros da ansiedade ou outros centros do desprazer podem ser ativados, o que acarreta uma situação de grande tumulto emotivo pois que a pessoa amorosa oscila entre a esperança e o tormento. A presença destes circuitos amorosos significa que nossos cérebros são programados de maneira a se acender intensamente quando se produz certas coisas entre nós e outra pessoa.

Os circuitos amorosos

O cérebro humano trabalha com informações que descodifica, processa, recodifica e incorpora aos seus circuitos da memória. A unidade do sistema nervoso é a

armazenados em microvesículas do axônio. Os neurotransmissores atravessam o espaço sináptico e vão se fixar em receptores específicos do neurônio pós-sináptico. Uma substância química que se ajusta a um receptor pode excitar ou inibir o seu neurônio, da mesma maneira que uma chave pode abrir ou fechar uma porta. O neurotransmissor leva consigo uma mensagem que o receptor decifra. Uma parte dos neurotransmissores liberada é recaptada pelo neurônio pré-sináptico para ser reutilizada e uma parte é degradada por enzimas. O sistema neuronal do cérebro está ricamente inter-relacionado, de tal sorte que o cérebro humano contém 10 bilhões de neurônios e cerca de 100 trilhões de sinapses. Até há vinte anos



responde à parte não-motora do lobo frontal, e é próprio dos mamíferos superiores. Esta área mantém importantes conexões com o córtex límbico e o hipotálamo. O equilíbrio permanente entre essas áreas é fundamental para modulação de nossa vida emocional.

Os nossos centros do prazer, localizados principalmente no hipotálamo e SL, participam ativamente de nossa vida amorosa. As lembranças agradáveis, que guardamos de uma relação com outra pessoa, ficam incorporadas ao nosso SL e podem, a qualquer momento, ativar os nossos centros do prazer. Ao contrário, uma lembrança que provoque emoções peníveis fica ligada aos circuitos do desprazer. O amor e as aventuras amorosas parecem estar entre os estimulantes mais potentes de nossos centros do prazer. Pode ser extremamente estimulante es-

célula nervosa (neurônio), estrutura composta de um corpo celular que tem num dos pólos numerosos prolongamentos que se ramificam como os galhos de uma árvore (dendritos) e no outro pólo um prolongamento único (axônio). Os dendritos recebem a informação e o axônio veicula a informação até o neurônio seguinte da cadeia. Os neurônios não são ligados uns aos outros; existe entre eles uma fenda chamada sinapse e a mediação entre eles é feita através de substâncias químicas. Desta maneira o impulso elétrico que percorre o neurônio não tem capacidade de saltar a fenda sináptica, mas estimula a liberação, na extremidade distal do axônio, de substâncias químicas que agindo na superfície do neurônio seguinte originam um novo impulso elétrico. Essas substâncias químicas são os neurotransmissores, que se encontram

conhecia-se sete a oito neurotransmissores; no momento considera-se aproximadamente trinta substâncias diferentes como neurotransmissores. A distribuição dos neurotransmissores no cérebro não é homogênea, concentrando-se alguns mais em determinadas regiões do que em outras.

Existem determinados circuitos neuronais que operam com um neurotransmissor e pouco a pouco as neurociências vão elaborando, através de técnicas especiais, uma cartografia química cerebral. Algumas substâncias químicas operam sempre como neurotransmissores, enquanto outras atuam ora como neurotransmissores ora como neuro-hormônios. Ao primeiro grupo pertencem as aminas biogênicas (acetilcolina, adrenalina, noradrenalina, dopamina, serotonina) que funcionam na ligação entre dois neurônios. Ao segun-

gicas do amor

do grupo, os neuropeptídeos (endorfinas, encefalinas, hormônios hipotalâmico-hipofisários) que podem agir na ligação entre dois neurônios ou sobre várias células a distância por difusão na circulação sanguínea ou líquórica. Os neuropeptídeos revolucionaram a neurobiologia do cérebro: os neurônios são capazes de elaborar substâncias que liberadas no sangue (e não somente nas sinapses) podem agir à distância. Em outras palavras, o cérebro sintetiza hormônios como qualquer glândula endócrina. Parece que a dopamina (DA) é a substância chave do sistema do prazer do cérebro. Trabalhos experimentais demonstram que os pontos de estimulação para rastrear os centros do prazer se superpõem aos neurônios con-

na (AD) teria participação nas reações sexuais a curto termo (por ocasião da fase de excitação, precedendo as reações amorosas), mas a longo termo, nas pessoas estressadas, sua saturação na hipófise determina uma queda importante da libido.

O amor físico ou estado amoroso provocaria, além das modificações neurohormonais, uma elevação da taxa do GABA (ácido gama-aminobutírico) e da serotonina (SE) no sistema nervoso central. Isto talvez explique o sentimento de bem-estar e de serenidade experimentado nessas circunstâncias, além do comportamento despojado de qualquer agressividade do amoroso em estado de graça com o seu parceiro. O GABA é uma espécie de tranquilizante fisiológico e a SE

uma sensação de tranquilidade, bem-estar, euforia e de certa indiferença às sensações dolorosas. Este estado certamente se deve à liberação de endorfinas.

Outro sistema neuroquímico fundamental no comportamento sexual e amoroso é constituído pelos neuropeptídeos. Tanto as morfina do cérebro (endorfinas) como o hormônio LRF (fator liberador do hormônio luteinizante) são eles importantes da vida emocional e do comportamento amoroso do ser humano. As endorfinas do cérebro estão consideravelmente aumentadas após o orgasmo, enquanto o LRF é responsável pela liberação, através da hipófise, de estimulinas sexuais que provocam o desejo nos dois sexos e a ovulação. Este fator vem a ser uma es-

em evidência ao nível dos neurônios do sistema do prazer. Provoca nesses locais uma hiperestimulação das catecolaminas (AD, NA, DA), além de bloquear a recuperação espontânea desses neurotransmissores na fenda sináptica. Este evento acaba determinando uma hiperestimulação dos neurônios pós-sinápticos com repercussão direta no septo, o que produz um estado de excitação física e mental, associado a um estado emotivo agradável.

O chocolate, que contém PEA e triptofano (precursor da SET), tem sido mitologizado como possível antídoto do mal-de-amor. A PEA que se encontra nos alimentos é rapidamente desintegrada por nosso organismo no processo de digestão, de sorte que ela não chega ao sangue e, muito menos, ao cérebro. Nós não sabemos ainda como se processam as flutuações do sistema neuroquímico do cérebro por ocasião do sentimento amoroso, mas parece que uma substância química semelhante à anfetamina teria participação importante e seu nível se elevaria em nosso cérebro quando encontramos a pessoas que nos convém. Seria a PEA? Por enquanto ainda não chegamos à "pílula do amor", uma espécie de "soma" do admirável mundo novo.

Amor: efeitos colaterais

O pior do amor são seus efeitos colaterais. Diz-se que para viver um grande amor é preciso sofrer. Não sem razão este sentimento inspirou Camões: "Amor um fogo que arde sem se ver/ ferida que dói e não se sente/ contentamento desconforto/ dor que desatina sem doer."

A rutura de uma ligação amorosa pode determinar manifestações psicológicas comparáveis à abstenção de drogas tóxicas. Teria o ser humano uma dependência psíquica do parceiro amoroso? Sabe-se que as drogas que criam um estado de dependência, operam abaixando o limiar de excitabilidade dos centros do prazer, facilitando por isso a estimulação dessas regiões do cérebro. É possível que o amor as coisas se passem de modo semelhante. O amor é feito de carne e espírito, no sentido de um desejo imenso de intimidade sexual, necessidade de afeição, temor de perda do objeto amoroso e uma parte de idealização do ser amado. O amoroso é exclusivista e adota frequentemente um comportamento possessivo. Daí o sentimento de frustração e de perda quando da rutura com o ser amado. Segundo Liebowitz, pare-

ce que do ponto de vista biológico nós desenvolvemos, para o amor, dois sistemas químicos distintos: um serve fundamentalmente para aproximar duas pessoas, o outro para tornar duradoura sua relação. O primeiro é a "atração", traduzida por um sentimento de excitação que nós provamos quando calmos amorosos e cujo efeito se assemelha a de um estimulante (PEA?). É o efeito psicotônico do amor. O segundo faz com que duas pessoas permaneçam juntas: é a "ligação". A ligação duradoura parece estar mais relacionada a sentimentos de segurança que a estados de excitação.

No primeiro caso pode ser considerado o "amor à primeira vista", que tem como embasamento uma poderosa excitação sexual. É preciso lembrar também que aqueles que caem amorosos desde o primeiro instante podem trazer dentro si uma imagem idealizada do tipo de pessoa que preencheria suas necessidades emocionais. O amor à primeira vista pode gerar "loucas paixões" (daí a expressão estar loucamente apaixonado), que tudo arranca e arrasta a sua passagem sem que nada possa deter essa torrente. O contraponto do amor à primeira vista é o "ódio à primeira vista". Pode-se falar de ódio à primeira vista quando identificamos, consciente ou inconscientemente, alguém que acabamos de conhecer com algum desafeto, circunstância que pode estimular nossas áreas de desprazer. Daí uma espécie de repulsa ou antipatia que passamos a nutrir por alguém que acabamos de conhecer.

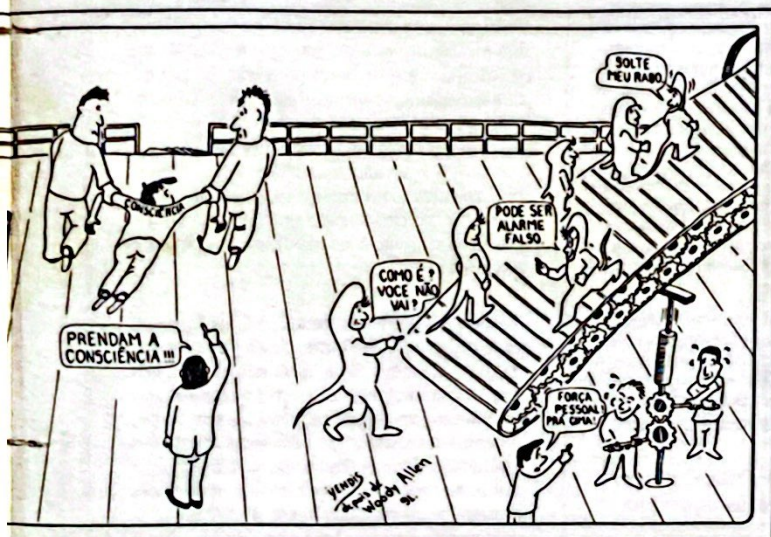
Liebowitz fala ainda na "angústia da separação". A ansiedade que experimentamos quando estamos separados das pessoas que amamos (da família ou não) e o alívio que sentimos quando nós as reencontramos dependem de sistemas bioquímicos diferentes daqueles que nossos sentimentos de atração põem em jogo. Na atração parece intervir um estimulante semelhante à anfetamina. Na ligação duradoura e na angústia da separação parecem intervir os opiáceos do cérebro (endorfinas) e uma região do tronco cerebral relacionada com os sentimentos de pânico (locus coeruleus). A ligação entre duas pessoas pode ser de tal ordem que as torna extremamente dependentes. Da mesma maneira, as pessoas com crises de pânico são também extremamente dependentes das outras e temem o abandono. O tratamento da síndrome do pânico

com antidepressivos torna essas pessoas muito mais independentes. Especula-se que um sistema de alarme, com ponto de partida no locus coeruleus poderia estar defeituoso nessas pessoas de maneira que certos circuitos da ansiedade tornam-se mais ativos em determinadas situações (abandono, solidão). A participação das endorfinas nestas situações ainda é incerta.

Embora o mal-de-amor possa depender de um desajuste sócio-cultural, de um conflito psicológico, de um fator biológico ou de uma combinação desses fatores, o certo é que os sistemas neuroquímicos são acionados e frequentemente os circuitos da ansiedade se descarregam e o limiar dos centros do prazer se eleva. Partindo dessa premissa há indicação do uso de drogas no mal-de-amor. As drogas estimulantes do humor, os antidepressivos, agem sobre os três principais neurotransmissores implicados na melancolia e depressão: DA, SE e NA (catecolaminas). A elevação das taxas de catecolaminas estimula os sistemas do prazer. Embora os construtos neuropsicológicos do amor tenham substratos bioquímicos, estes não devem ser superestimados: os neurotransmissores são os mensageiros, não as mensagens. Seguramente o melhor tratamento para uma desilusão amorosa é um novo amor. Um novo sentimento amoroso preenche as necessidades emocionais do indivíduo e estimula naturalmente o sistema do prazer do seu cérebro. Também costuma funcionar como lenitivo a fórmula: o amor faz passar o tempo... o tempo faz passar o amor.

Ao término destas considerações é preciso ficar transparente que o amor tem raízes biopsicossociais e o modelo biológico utilizado aqui não pode e não deve ser superdimensionado. Ao privilegiarmos um modelo, corremos o risco de cair no reducionismo e essa não é nossa intenção. Somos radicalmente contra o determinismo biológico e encaramos o homem como um ser social e o fenômeno humano dentro de uma perspectiva holística e dialética. Após tanta retórica científica, teorizações, circuitos, mecanismos e outros que-tais, somos obrigados a concordar com o bruxo do Cosme Velho: "A melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada."

* Wilson Luiz Savitro é professor plano de Neurologia do Departamento de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e presidente da Sociedade de Cefaléia e Enxaqueca.



tendo um neurotransmissor: a DA. Também certas drogas que provocam no homem sensação de prazer e de euforia - cocaína, anfetaminas - agem de maneira similar à DA. No hipotálamo e no tronco cerebral, as sinapses que liberam DA foram qualificadas de "sinapses hedonísticas".

Outro neurotransmissor, a acetilcolina (ACh), parece atuar sobre o centro do orgasmo. Heath (1972) observou que a injeção de ACh no septo (formação do SL) provocava, na mulher, uma intensa sensação de prazer sexual que culminava com orgasmos repetidos. A propósito, Changeux afirma que o orgasmo significa uma mini-crise epiléptica que se desenvolve no septo. Parece que os mecanismos são muito mais complexos e numerosos e outros fenômenos participam da função orgásmica (DA, endorfinas). A adrenalina

tem um papel fundamental na regulação do humor (está geralmente deficitária nas depressões nervosas e no chamado mal-de-amor). Seria o amor um remédio contra a agressividade? Por outro lado, é curioso o simbolismo do ato amoroso. No ato sexual dos humanos ocorrem manifestações simbólicas para destruir o parceiro (mordidas, apertos, arranhões, gemidos). Em certas espécies animais consuma-se a destruição do parceiro durante ou após o ato sexual (geralmente o sacrificado é o macho, que a fêmea deve seguir com a procriação), que pode ser até comido. Na espécie humana fala-se em comer a parceira; é o caráter antropofágico do ato sexual. Não esquecer também que numa sociedade falocrática a ideologia machista prevalece. Não obstante, após o ato sexual, desde que atingido o orgasmo, os parceiros atingem

pecie de afrodísíaco endógeno. Recentemente, descobriu-se que o sistema das endorfinas bloqueia a liberação de LRF; este sistema teria uma função reguladora da libido. Uma carência de opiáceos endógenos acarretaria, ao nível do hipotálamo, uma sensação de frustração e, por isso, um aumento da libido. Por outro lado, sua liberação consecutiva ao orgasmo aboliria temporariamente o desejo.

A anfetamina do amor

Até o presente não se detectou, no cérebro humano, qualquer receptor especial para as anfetaminas. Mas as anfetaminas podem afetar indiretamente nosso sistema nervoso central, ao aumentar os níveis de noradrenalina (NA) e DA. Contudo foi identificada, no cérebro humano, uma substância natural semelhante à anfetamina e que se chama feniletilamina (PEA). A PEA foi colocada

As doenças e os doentes mentais através do tempo

* Edmundo Maia

As doenças e os doentes mentais, como as doenças orgânicas, em geral, sempre existiram. Jamais foram "fabricadas" pela repressão da sociedade ou "inventadas" pelos psiquiatras, como apregoam os adeptos do decadente movimento da antipsiquiatria. Hoje, graças à evolução dos conhecimentos humanos e ao progresso da tecnologia, as doenças em geral são melhor estudadas, conhe-

química do sangue, distúrbios hormonais, toxicoinfecciosos, traumáticos, conflitos sociais, tensões, stress, estes e outros fatores agindo numa somatória e desencadeando síndromes definidas.

As doenças nervosas e mentais são várias e se apresentam sob formas diferentes. Uma são simples, reativas e de cura fácil. Outras são complexas, evolutivas, processuais e de cura difícil. Outras são cíclicas e, por isso, tendem a recidivar. Algumas

birá para 25% se englobarmos os casos de neuroses leves e de doenças psicossomáticas, geralmente atendidas e tratadas pelos clínicos gerais.

As perturbações mentais, nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, constituem sério problema médico-social, em consequência da acelerada expansão demográfica, da desordenada urbanização das populações, dos conflitos sociais e dos problemas ligados ao alcoolismo e às toxicomanias em geral. Em verdade, o que aumenta, com o crescimento da população e com o surto de progresso e dinamismo das cidades, são as neuroses e as psicopatias. As psicoses, segundo a OMS, aumentam anualmente em média de um centésimo e pouco por mil habitantes, o que corresponde mais a psicoses senis, pela cada vez maior sobrevida dos idosos.

O número de atendimentos psiquiátricos aumenta no mundo inteiro, porque os doentes nervosos e mentais são melhor identificados. Porém, graças aos recursos do moderno arsenal terapêutico e de novas técnicas psicoterápicas, podem e devem ser tratados, de preferên-

em cérebros de esquizofrênicos e endorfinas em cérebros de toxicômanos. Além disso, a tomografia computadorizada revelou que o cérebro dos esquizofrênicos (25%) apresentava ventrículos aumentados de volume e constata assimetrias cerebrais funcionais entre os lados direito e esquerdo.

Apesar de todas as evidências, a corrente de contestadores da antipsiquiatria (Cooper, Laing, Manfredi, Zzass, Foucault, Basaglia e outros) prega a negação da "loucura", da doença mental, tanto em sua existência, como em sua patologia. "Todos são loucos, menos os doentes mentais", frase de autodefesa de Cooper, que se considerava um "subversivo", que preconizou a extinção de todas as técnicas terapêuticas por mais liberais que fossem e que, em verdade, apresentou surtos psicóticos, com internações em hospital psiquiátrico (uma delas em Buenos Aires, confirmada publicamente pelo prof. Maurício Knobel).

A doença mental, na visão do psiquiatra e do clínico de boa formação, é considerada um acontecimento integrado na traje-

Os peritos internacionais calculam que cerca de 12% das pessoas sofrem ou sofreram de perturbações nervosas e mentais.

cidas, diagnosticadas e tratadas, embora nem todas sejam globalmente curadas.

No passado, todos os doentes nervosos e mentais eram considerados "loucos". Eram então segregados e recolhidos a velhos casarões medievais chamados "asilos de alienados" ou "hospícios". Os doentes mais exaltados e agressivos ficavam acorrentados e isolados, por medo e falta de recursos clínicos.

Lá por volta de 1409, em Valença (Espanha), surgiu um movimento humanitário dos médicos em benefício desses doentes. Os médicos espanhóis foram assim os primeiros a retirarem, bem antes de Pinel (século XVIII), as correntes e as grades que aprisionavam os "loucos" e a instituírem terapias avançadas para a época, como exercícios livres, ocupações, jogos, diversões, dieta e higiene corporal. Todavia, só a partir do século XIX, a rigor, a partir da década de 50, é que as doenças e os doentes mentais passaram a ser melhor compreendidos e tratados, graças aos progressos nas áreas de Psicologia, Psicofarmacologia, Biologia, Neurobiologia, Genética, Ciências Sociais.

Sabe-se hoje que as doenças mentais, como qualquer doença, são causadas por diversos fatores etiológicos: genéticos, anomalias orgânicas do cérebro, alterações na bio-

são endógenas, nascem com seus portadores, como as esquizofrenias e as psicofrenias (psicose maniaco-depressivas, psicose afetivas). Outras são exógenas ou somatógenas (orgânicas ou sintomáticas), como as psicose traumáticas, tóxicas, senis. Há, ainda, um grupo que apresenta distúrbios de caráter, os chamados psicopatias (associais, amorais, perversos, frios de sentimentos), nos quais se enquadram muitos delinquentes e criminosos recidivantes e grande número de toxicômanos. Outro grupo é constituído por portadores de rebaixamento do nível intelectual, os oligofrênicos (débil mental, imbecil, idiota). E, ainda, há um grupo afetado na linha emocional, o numeroso grupo dos neuróticos (fóbicos, histéricos, hipocondríacos, obsessivo-compulsivos). Vale ressaltar que os verdadeiros doentes mentais ficam no grupo dos psicóticos, chamados popularmente de "loucos", "doidos", "pirados", "tan-tan", "pinel".

Os peritos internacionais calculam que cerca de 12% das pessoas sofrem ou sofreram de perturbações nervosas e mentais. Desse grupo, 7% seriam casos de psicopatias e neuroses graves; 4,5% de psicose endógenas (1,5%) e exógenas (3%); 1% de oligofrenias graves (idiotia). Porém, a percentagem de 12% su-

Nas décadas de 50 e 60, a Psiquiatria era dominada pelos adeptos da doutrina freudiana.

cia, em serviços extra-hospitalares (ambulatorios, Pronto-Socorro, unidades de Psiquiatria). A internação em hospital psiquiátrico só deve acontecer — e é imprescindível — para os casos especiais de doentes que, devido ao tipo de sua perturbação apresentem descontrole total, impulsividade, auto e hetero-agressividade e ofereçam riscos para sua vida e de seus semelhantes.

Nas décadas de 50 e 60, a Psiquiatria era dominada pelos adeptos da doutrina freudiana. Na década de 70, as ciências biológicas prevaleceram, com as pesquisas que descobriram concentrações anormais de neurotransmissores, como a dopamina, as catecolaminas

tória da vida do paciente, que deverá ser visto como pessoa e compreendido em sua realidade psicofísica.

O moderno psiquiatra desde que preparado, experiente e amadurecido, não pode ser tão otimista para considerar o doente mental, escreveu Henry Ey, como apenas reagindo a uma situação social (sendo bastante reajustado). Nem tão pessimista para considerar a doença mental como uma deformação rígida, isto é, orgânica, fadada à cronicidade e sem possibilidade de cura ou de recuperação social.

* Edmundo Maia é professor titular de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Santos e diretor da Clínica Maia, em São Paulo.

Coluna do livro

Esta coluna recebeu, no mês passado, duas obras: A primeira, **Beco das Araras**, Ed. João Scortecci, 1990, de autoria do médico-poeta **Luiz Jorge Ferreira**, nascido na Amazônia, residente em São Paulo desde o final da década de setenta. O autor participou dos principais movimentos políticos independentes, peregrinando por vários estados do País, com o objetivo de falar a sua poesia. A obra aborda variados temas, cujo conteúdo, precipuamente, trata do cotidiano, com um certo tom existencialista, deixando entrever aspectos da vida humana, em linguagem, às vezes, a resvalar no calão. É curioso. Tem momentos de muita beleza, como em "Canção do Exílio Entre a Terra e a Semente": "O horizonte beija a terra. Nasce assim um amor entre as distâncias".

O segundo livro recebido é o do prof. **Irany Novah Moraes, Erro Médico**, Ed. Santos-Maltese, 1990. Trata da atualíssima problemática do erro médico, como preveni-lo, entendendo o autor, e a bom direito, que a prevenção é dever de todos: médico equipe de saúde, hospital, paciente, comunidade, imprensa, governo. Cada um tem a sua responsabilidade no problema, portanto, o livro torna-se leitura obrigatória a todos os que direta ou indiretamente estão ligados ao atendimento de pacientes.

Irany Novah Moraes é médico formado na Casa de Arnaldo, onde leciona Cirurgia Vascular. Sua incansável luta em prol da Medicina o levou a ocupar importantes cargos como membro, conselheiro, diretor e presidente de inúmeras entidades ligadas ao ensino. Recebeu várias láureas; publicou vários livros, entre os quais destacam-se os seguintes: Perfil da Universidade, Problemática da Saúde, Perfil Forense da Medicina, Enciclopédia de Cirurgia Vascular, Propedêutica Vascular, Elaboração da Pesquisa Científica e inúmeros artigos publicados em revistas especializadas, sendo também colaborador deste Suplemento Cultural, de O Estado de S. Paulo e diretor responsável da Revista Carisma-Formação do Médico.

G.A.P.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } *Tertúlia*
Carlos Kleber Canova

Cássio Ravaglia - *Divulgação*
Guido Arturo Palomba - *Biblioteca*
Walter Pinheiro Guerra - *Biblioteca*

Nelson Pedral Sampaio } *Pinacoteca*
Wanda Gonda